

Modos de ser e de dizer em Redes Sociais: como o poder e os discursos operam na construção de identidades – uma análise sobre o perfil do Orkut

Lícia Frezza Pisa*

Resumo: Este trabalho abordará a questão das identidades do usuário do Orkut por meio dos discursos e do poder e como, ao falar de si, o usuário se torna outro, transforma a sua identidade no/para o Orkut ao preencher/editar o seu perfil. A fundamentação teórica se refere aos estudos de Michel Foucault sobre discurso, sujeito e poder e as análises serão feitas a partir da investigação das opções de preenchimento de perfil, ou seja, quando o usuário preenche a sua página e passa a existir no Orkut. Defende-se neste trabalho que a Internet é um espaço extremamente vigiado e controlado e esse controle, essa vigilância e os efeitos desses mecanismos nas redes sociais da Internet permeiam os discursos, a possibilidade de constituição de sujeitos, de identidades, tomando a relação entre poder e liberdade não como um movimento de exclusão, mas de implicação mútua.

Palavras-Chave: discurso; identidade; poder; Foucault; Orkut.

Abstract: This paper will focus the issue of Orkut user's identities through discourses and power, and how, when talking about him or herself, the user becomes the other, transforms his or her identity in/to Orkut to register/edit his or her profile. The theoretical framework refers to the studies of Michel Foucault on discourse, power and subject, and the analysis will be made from the investigation of options for completing the profile, that is to say, when the user fills in his or her page and comes to exist on Orkut. It is argued in this paper that the Internet is an extremely guarded and controlled space. This control and surveillance, and the effects of these mechanisms in the Internet social networks, permeate the discourse, the possibility of the formation of subjects, identities, taking the relationship between power and freedom not as exclusion movement, but as mutual implication.

Keywords: discourse; identity; power; Foucault; Orkut.

Introdução

Este trabalho abordará a questão das identidades do usuário do Orkut por meio dos discursos e do poder e como, ao falar de si, o usuário se torna outro, transforma a sua identidade no/para o Orkut ao preencher/editar o seu perfil.

* Mestre em Linguística, Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Referencial Teórico

Para conceituar o poder, sabemos que Foucault em seus estudos sobre a genealogia da sexualidade no Ocidente (1988), começou a delinear algumas noções sobre o poder e percebeu que a partir do século XVI – muito longe de um silenciamento em torno do sexo – houve uma proliferação de discursos sobre o sexo, que passaram a circular intensamente nos meios institucionais como a escola, a Igreja e a família, além de se tornar objeto de produção de saberes advindos da medicina e da pedagogia, por exemplo. O que ocorreu foi que, ao invés de reprimir e silenciar as práticas sexuais, foi possível a permissão, a fala, a inclusão, a incitação, fazendo com que a lógica do poder operasse de forma a deixar falar e, assim, quanto mais informações tivessem sobre o sexo, mais seria possível controlá-lo. A lógica do poder passou da imposição hierárquica, em que atuava censurando, para a microfísica do poder.

O poder operando nessa lógica não é estático, ele vai se reciclando, se renovando, pois de tempos em tempos os poderes vão mudando, configurando novos regimes de fazer, de falar de si, de agir, etc. O poder não é algo que se domine ou compartilhe, ele circula e é também efeito dessa circulação, funcionando em rede. Ele não se localiza nos indivíduos, ele atravessa os indivíduos, fazendo com que o indivíduo se torne sujeito enquanto inscrito em certos regimes de subjetivação, havendo sempre a possibilidade de resistência. As relações de poder não operam hierarquicamente, mas de forma difusa atravessa os domínios (apenas o poder jurídico opera de maneira hierárquica). Para Foucault (1988) toda relação é uma relação de poder, que não opera de forma dicotômica (dominador *versus* dominado) e não tem um sujeito que o controle e o domine. Não há ponto de resistência exterior ao poder, as resistências são múltiplas. Assim, resumidamente, pode-se dizer, segundo Foucault (1988), que há duas dinâmicas de poder: o poder jurídico (que opera pela repressão e pela censura) e o poder estratégico (que opera pela incitação, pelo prazer e pela intensificação).

O poder jurídico ou poder-lei opera de forma negativa, rejeitando, excluindo, recusando, dizendo o que é lícito ou ilícito, interditando, proibindo o tocar, o falar, o consumir; já o poder estratégico, ou poder-prazer, opera de maneira criativa e sutil e tem como características: circular e não ter ninguém que o domine ou o compartilhe; não ser

hierárquico, impositivo; ser constitutivo das relações; não operar de maneira binária; não ser fruto de uma intenção subjetiva; e não ter um ponto de resistência exterior, mas resistências múltiplas inscritas na sua própria dinâmica.

Desse modo, pensar o funcionamento político das relações, valorizando certas práticas, certas verdades, etc., implica pensar como essas práticas e verdades estão inseridas numa rede de produção e circulação que valoriza certos discursos e não outros e produz certas verdades e não outras.

Foucault também pensou o poder pelo viés disciplinador, pois percebeu que a partir dos séculos XVII e XVIII o poder passou a operar segundo a lógica da vigilância, e não mais segundo o modelo soberano e hierárquico, passando a atuar normatizando as condutas, os comportamentos, os corpos, os discursos. Esse modelo teve como marco a invenção do panóptico, por Bentham (1791), que funcionava com uma torre central rodeada de celas vazadas dos dois lados (dentro e fora da construção) por janelas, de modo que quem ocupasse a cela pudesse ser vigiado constantemente: “devido ao efeito de contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas da periferia” (FOUCAULT, 1999, p. 115). O panóptico, assim, agiria como efeito duplo de normatização: de forma contínua para a normatização das condutas até chegar ao ponto do próprio sujeito ser o vigilante de si mesmo, e também na observação individualizante, produzindo saberes por meio da classificação, do exame, do registro, dos relatórios, etc.

Com relação à questão do sujeito, que abre muitas brechas para ser pensada e repensada na Análise do Discurso, poderíamos dizer que há um consenso no que diz respeito ao fim do sujeito cartesiano, do sujeito centrado, estruturalista. Assim, a noção de sujeito varia conforme as teorias, o *corpus* pesquisado e as diferentes épocas e os diferentes gêneros (POSSENTI, 2003). O sujeito seria, então, efeito de relações que se estabelecem entre diferentes dimensões: biológica, social, de linguagem, cultural, ideológica, etc. Para Foucault, a questão do sujeito está diretamente ligada às relações de poder.

Ao pensarmos o sujeito podemos pensar também a questão da identidade, que é um termo complexo, estudado por várias áreas do saber, como Antropologia, Psicologia Social, Sociologia, etc. É possível pensarmos a identidade por meio da linguagem, visto que, para Foucault (1988) o sujeito se constitui por diversas práticas discursivas.

De acordo com Hall (2006), há uma dissolução das identidades na pós-modernidade - a intensificação das interações comunicacionais motivada pelas novas tecnologias e a globalização seria uma das causas de uma identidade provisória e variável quando posta em relação com outras identidades. Porém, não se trata apenas de entender como as identidades mudam, variam ou se tornam líquidas (BAUMAN, 2005), mas como o poder opera para que essas identidades/subjetividades circulem e se constituam. Bauman (2005) adjectiva certas ocorrências na contemporaneidade como líquidas e sua teoria trata da diluição dos laços sociais, das identidades, dos relacionamentos, da vida cotidiana, etc. que se tornaram transitórios, fluidos, nômades, ao contrário das formas definidas, confiáveis, controláveis e sólidas dos tempos passados.

Na perspectiva adotada neste artigo, sabe-se que não se nasce sujeito e, tampouco, as identidades existem de forma independente ou soberana, mas são frutos de um processo histórico, social, cultural e político. Os sujeitos compartilham crenças, valores, padrões cognitivos e linguísticos que remetem a grupos sociais e que são efeitos do funcionamento histórico do poder.

Com isso, a identidade não pode ser vista como sendo estável e garantida por si mesma como em tempos antigos. Na contemporaneidade, a identidade diz respeito a um homem “líquido-moderno”, sem vínculos e sem compromisso com alguém, mas conectado com o mundo (BAUMAN, 2005): temos como fenômeno correlato e constitutivo das identidades hoje, a explosão da Internet, oferecendo interações fáceis e rápidas, relativizando as fronteiras espaciais e multiplicando as possibilidades identitárias, como ocorre, por exemplo, em redes sociais.

A globalização foi um dos fatores de descentramento do sujeito (HALL, 2006), pois trouxe a ideia e a possibilidade de mobilidade, de pertencimento a certas identidades flutuantes e efêmeras, uma indústria de identidades, que faz com que a identidade seja “um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” (BAUMAN, 2005, p. 37). Pensar a identidade é pensar o deslocamento e a passagem por categorias líquidas prontas para mudar a qualquer instante. O pertencimento se dá na instabilidade e o que facilita esse movimento são a informação, a comunicação e as redes possibilitadas pela tecnologia da Internet. Portanto, a identidade está sempre a ponto de ser testada, experimentada, pois está em constante processo de constituição.

Hall (2006) coloca que a intensidade das formas de comunicação interacional acelera a desestabilização das identidades. É o que temos, por exemplo, com as redes sociais na Internet, que possibilitam ao indivíduo, entre outras coisas, ser vários a cada atualização do perfil ou simplesmente se configurar num perfil *fake* e se identificar de uma outra maneira. Nesse caso, essa possibilidade é potencializada pelo funcionamento do poder no Orkut. O poder é que fará com que sejam permitidas certas coisas e não outras, a forma de circulação na rede, o que e como é possível falar, a configuração de um perfil *fake* de uma dada forma, etc.

Desse modo, pensar a identidade de sujeitos que se inscrevem em redes sociais como o Orkut nos leva a pensar que essa identidade é constituída por meio de tensões, de regulamentações das redes sociais e também da sociedade, todas elas permeadas por jogos de poder e que trazem consigo a noção de movimento, atualização, mutabilidade. E, sendo as redes sociais entendidas como tendo forte capacidade de inclusão e de abrangência de todas as expressões culturais (RECUERO, 2004), funcionam basicamente pela interação social, criando laços entre os usuários por meio da comunicação.

Foucault traz algumas contribuições para pensarmos a questão da identidade, pois analisou o processo em que o ser humano se constituiu em objeto de saber: o ser da linguagem (objetos da filologia e gramática), o ser produtivo (economia política) e o ser vivo (biologia). Há também as práticas que subjetivam os indivíduos, como as práticas disciplinares. Desse modo, o sujeito sempre está em relação com outros, com coisas, com discursos, com práticas discursivas que permeiam as possibilidades de subjetividade, marcando as posições de sujeito, quem pode ocupar essa posição, o que é possível enunciar, de que lugar se fala, etc. De acordo com Gregolin (2008, p. 33),

Como os sujeitos são sociais e os sentidos são históricos, os discursos se confrontam, se digladiam, envolvem-se em batalhas, expressando as lutas em torno de dispositivos identitários.

Foucault (1978) enxerga, nesses intensos movimentos, uma *microfísica do poder*: pulverizados em todo o campo social, os micropoderes promovem uma contínua luta pelo estabelecimento de verdades que, sendo históricas, são relativas, instáveis e estão em permanente reconfiguração. Eles sintetizam e põem em circulação as *vontades de verdade* de parcelas da sociedade, em um certo momento de sua história. As identidades são, pois, construções discursivas: o

que é “ser normal”, “ser louco”, “ser incompetente”, “ser ignorante”...
senão relatividades estabelecidas pelos jogos desses micro-poderes?

Desse modo, a identidade é tratada como efeito produzido pelo poder, pelo discurso e como algo em constante construção, visto que se inscreve na história. O sujeito é um efeito das micro lutas cotidianas que se realizam por meio da linguagem, dos dizeres, dos signos. A constituição do indivíduo em sujeito se dá por meio de frequentes transformações históricas, políticas, sociais, econômicas, etc., todas elas efeitos de uma certa dinâmica do poder, conforme postulado por Michel Foucault.

Sendo assim, de que maneira é possível analisar as identidades no Orkut por meio do funcionamento do poder e dos discursos? Recorro a uma citação do próprio Foucault para este esclarecimento:

o tipo de análise que pratico não trata do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona. Portanto, o poder não é nem fonte e nem origem do discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder. (FOUCAULT, 2006, p. 253).

Os discursos são produzidos e circulam segundo táticas (meios) e estratégias (finalidade) de poder. O poder atravessa os discursos fazendo funcionar uma engrenagem que faz ver certas coisas, falar certas coisas, proliferar certos temas e não outros, se constituir de uma dada maneira, desejar de um certo modo e não de outro. O poder é encarado, então, como uma tecnologia, utilizado para um fim, por meio de tática(s), objetivando favorecer o manejo de certas situações. Desse modo, a estratégia configura a conjuntura e as correlações de forças que são necessárias às diversas situações de confrontos produzidos e a tática vem a ser o meio pelo qual os efeitos de poder são produzidos, são favorecidos.

Sendo assim, temos que discurso, poder e sujeito constituem uma trilogia em que as partes estão mutuamente implicadas: os indivíduos, ao reconhecerem certos discursos e saberes como legítimos e verdadeiros, se apropriam deles, constituindo-se em sujeitos.

Os discursos, então, operam em rede e devem ser analisados de acordo com outros acontecimentos discursivos, que mantêm uma relação com os sujeitos e com o

poder. Nesse caso, cabe analisar como os indivíduos se tornam sujeitos, como conseguem formatar uma maneira de existir possibilitada pelo mundo digital, o qual é permeado por certos mecanismos de poder que perpassam, controlam e possibilitam a produção e circulação dos discursos na rede. Trata-se de pensar de que maneira, na era digital, os indivíduos são constituídos em sujeitos ao se inscreverem em práticas sociais interativas, como no caso das redes sociais, que formam/fragmentam suas identidades. É preciso lembrar que a questão da identidade está sendo tomada como processo, em que certos modos de subjetivação, poder e discursos corroboram para a constituição da identidade no Orkut, e não como algo dado, cristalizado.

No Orkut, os indivíduos são levados a falar de si e, assim, construir um perfil de si, através tanto da mobilização de certos marcadores identitários pré-dados, como da expressão de atributos que retratariam a sua personalidade. Além disso, no Orkut, as práticas de interação (amigos, comunidades, relacionamentos, etc.) também são constitutivas da identidade virtual.

Desse modo, entendemos que os discursos veiculados tanto no ambiente social como no ambiente do Orkut são permeados pelo poder e constitutivos da formação dos sujeitos e de seus modos de subjetivação, considerando que esses sujeitos se encontram inscritos numa rede de relações complexas, em que várias instâncias estão presentes, como o jurídico, a família, os dizeres possíveis, o modo como a circulação se dá, o propósito da rede, etc., pois “nesse espaço digital, o indivíduo se (re)constrói como sujeito ou sujeitos por meio de suas práticas discursivas projetando sua subjetividade de forma real ou imaginária” (FERNANDES, 2008, p. 279-280). Assim, pretendemos analisar, dentre tantas possibilidades, as formas de preenchimento do perfil (marcadores identitários) fornecidas pelo *site* para entendermos de que maneira as regulamentações operam censurando e controlando o dizer e, dessa maneira, acabam produzindo efeitos sobre a construção discursiva das identidades no/pelo Orkut.

Análise do sujeito no Orkut: a questão do perfil

A identidade é pesquisada neste trabalho com o intuito de perceber como o poder age de maneira a normatizar e dividir os indivíduos, organizando-os em categorias, classificações específicas com o objetivo de regular comportamentos,

dizeres, certos temas e a formar uma identidade, que no caso do Orkut, funciona como o cartão de visitas, uma espécie de vitrine, que para se constituir passa por um esquadramento na edição do perfil.

Podemos perceber que as identidades no Orkut, por mais que cada perfil tenda a ser único, serão de certa forma unificadas por fazerem parte de uma mesma rede, em que estão dispostos certos modos de dizer de si, já previamente estruturados pelos desenvolvedores do Orkut. Aqui não detalharemos a questão de resistência a esses mecanismos, mas podemos entender que, de modo geral, a padronização tende a ser um meio de dizer sobre as identidades, mesmo que não sejam preenchidos todos os marcadores de edição do perfil e que, em alguns deles, haja espaço para o próprio usuário falar sobre si. Uma possibilidade de resistência seria o perfil *fake*, porém, mesmo sendo um perfil que pode não condizer com uma identidade civil, real, é um perfil que apresenta desejos, anseios, preferências, etc.

Por mais que haja regras para se inscrever no Orkut, o mesmo possibilita ao usuário tornar-se outro, diferente da sua identidade civil no cotidiano, ou mesmo transformar várias vezes o perfil. Assim, percebemos que a identidade no Orkut se constitui por meio de dois eixos: o outro, que dará visibilidade e audiência, e pela mudança, possibilitada pelas ferramentas do Orkut, que dá condições ao usuário se resignificar, re-fazer a sua identidade quantas vezes desejar, mesmo “preso” a certas informações já pré-determinadas pelo Orkut.

A identidade no Orkut se valida basicamente por quatro mecanismos: o próprio perfil, as comunidades, os depoimentos que recebe e as classificações (fãs, confiável, legal e sexy) que os amigos atribuem, porém, apresentaremos apenas os marcadores do perfil.

Pensando nas possibilidades do usuário falar de si, vemos que é possível existir por meio de cinco especificações de perfil: geral, social, contato, profissional e pessoal.

Fazendo uma rápida apresentação das opções do perfil, temos que no perfil geral a identidade pode ser constituída das seguintes especificações: nome, sobrenome, sexo, relacionamento, data de nascimento, ano de nascimento, cidade, Estado, CEP, país, idiomas que falo, escola (ensino médio), faculdade, empresa/organização, interessado em.

No perfil social há os seguintes marcadores identitários: filhos, etnia, religião, visão política, humor, orientação sexual, fumo, bebo, animais de estimação, moro, cidade natal, página da web, quem sou eu, paixões, esportes, atividades, livros, música, programas de TV, filmes, preferências gastronômicas.

No perfil contato pedem-se as seguintes informações: e-mail principal, e-mails secundários, nome de usuário IM (*Instant Messenger*) 1, nome de usuário IM 2, telefone residencial, telefone celular, endereço 1, endereço 2, cidade, Estado, CEP, país.

No perfil profissional há os seguintes marcadores identitários: escolaridade, escola (ensino médio), faculdade, curso, diploma, ano, profissão, setor, sub-setor, empresa/organização, *site* da empresa, cargo, descrição do trabalho, e-mail do trabalho, telefone do trabalho, habilidades profissionais, interesses profissionais.

Por fim, no perfil pessoal o usuário pode falar de si com as seguintes descrições: frase do perfil, o que mais chama atenção em mim, altura, cor dos olhos, cor do cabelo, tipo físico, arte no corpo, aparência, o que mais gosto em mim, o que me atrai, o que não suporto, primeiro encontro ideal, com os relacionamentos anteriores aprendi, cinco coisas sem as quais não consigo viver, no meu quarto você encontra, par perfeito.

O falar de si para preencher os espaços do perfil do Orkut faz com que o usuário se constitua mediante o mecanismo de confissão, que como colocou Foucault (1988), seduz o sujeito, visto que é no falar sobre si que ele toma uma certa consciência e conhecimento de si. Porém, no Orkut não é possível falar abertamente sobre si, visto que há alguns filtros que fazem com que o usuário tente se enquadrar em alguma especificação já dada e há, também, as chaves de segurança, que permitem ao usuário limitar a visibilidade de algumas informações. De todo modo, porém, podemos perceber um esquadramento de quem se inscreve no Orkut e temos o poder operando disciplinarmente, tentando classificar os perfis e um poder estratégico, seduzindo esse perfil a falar de si de modo a ser aceito pelo(s) outro(s).

No perfil geral temos nos marcadores identitários os seguintes filtros:

- a) sexo: filtro masculino e feminino;
- b) relacionamento: filtro não há resposta, solteiro(a), casado(a), namorando, casamento liberal e relacionamento aberto.

É possível questionar, neste caso, como os discursos vão se renovando e novos tipos de relacionamento vão aparecendo, como casamento liberal e relacionamento

aberto, atuando como uma estratégia do Orkut em devolver aos usuários informações que eles mesmos fornecem ao preencher os perfis;

- c) país: filtro com vários países;
- d) idioma que falo: filtro com opções de vários idiomas e uma opção para se adicionar outro idioma que não esteja na lista;
- e) interessado em: filtro com as opções amigos, companheiros para atividades, contatos profissionais e namoro. Namoro possui mais um filtro: homens e mulheres, homens, mulheres.

Podemos analisar que o discurso do interesse em namoro inclui a bissexualidade e esse item pode ser visível, diferente do marcador orientação sexual que pode ser restrito para o próprio perfil, amigos, amigos de amigos ou todos. Podemos questionar as restrições ao se falar da sexualidade: como os sujeitos são levados a falar sobre a sua sexualidade quando não há a restrição de filtros permitindo quem visualizará? Nota-se novamente como a sexualidade é um tabu e como não é possível falar livremente sobre certos temas.

No perfil social há os seguintes filtros nos marcadores identitários:

- a) filhos: filtro não há resposta, não, sim, moram comigo, sim - visitam de vez em quando, sim - não moram comigo.

Podemos pensar no discurso da família contemporânea, que foge aos padrões do casamento tradicional, em que há separações, divórcios e filhos nem sempre morando com os pais, por exemplo.

- b) etnia: filtro não há resposta, afro-brasileiro (negro), asiático, caucasiano (branco), índias orientais, hispânico/latino, Oriente Médio, indígena americano, ilhas do Oceano Pacífico, multiétnico, outra.

Cabe questionar quais foram os critérios para se classificar a etnia deste modo, visto que pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a classificação de etnia no Brasil se dá em pardos, brancos, negros, indígenas e amarelos.

- c) religião: filtro não há resposta, agnóstico, ateu, budista, Cao Dai, cientologia, cristão/anglicano, cristão/católico, cristão/ortodoxo, cristão/outro, cristão protestante, cristão/SUD, Fé Bahá'í, hindu, humanismo religioso, jaina, judeu, muçulmano, neo-paganismo, rastafári, sikt, taoísta, tenho um lado espiritual independente de religiões, tenrikio, universalista unitário, xintó, zoroastra, outro.

Sobre o estigma, Goffman (1988) elenca três tipos: deformações físicas do corpo, culpas relacionadas à desonestidade, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, suicídio, etc., e os relacionados à raça, nação e religião. Neste caso indaga-se: o usuário que se sente estigmatizado deve se colocar a falar de si numa rede social buscando certa aceitação ou mesmo encontrar perfis semelhantes validando essa aceitação entre semelhantes ou pode escolher não falar de si e não falar sobre aquilo que, para ele, é depreciativo? Orientação sexual, raça, nação e religião não são marcas identitárias “neutras”, mas carregadas de fortes apreciações sociais. O que leva o Orkut a mobilizar tais categorias? Trata-se de torná-las alvo de um discurso econômico?

d) visão política: filtro não há resposta, conservador de direita, muito conservador de direita, centrista, esquerda-liberal, muito liberal de esquerda, libertário, libertário ao extremo, autoritário, autoritário ao extremo, depende, apolítico.

Sobre esse tema, recentemente, no final de julho de 2011, houve um atentado na Noruega em que o acusado Anders Breivik teve seu perfil em redes sociais rastreado e foi encontrado na sua descrição a opção política de extrema direita. Interessante notar como as redes sociais, mesmo havendo a possibilidade de se omitir, inventar, mentir informações sobre o perfil, são utilizadas quando há a necessidade de se saber/construir a verdade de determinado sujeito. Nota-se uma tendência em refinar cada vez mais os mecanismos das redes sociais para que os usuários digam a verdade de si, fazendo com que as redes funcionem como um dispositivo de segurança.

e) humor: filtro com a possibilidade de escolher mais de uma característica, como extrovertido/extravagante, inteligente/sagaz, pateta/palhaço, rude, seco/sarcástico, simpático, misterioso;

f) orientação sexual: filtro não há resposta, heterossexual, gay, bissexual e curioso.

Interessante notar como o Orkut já traz as opções sexuais, sendo que a escolha do termo *curioso* oculta, ou pelo menos maquia, algum outro sentido que não é revelado explicitamente. Vale ressaltar que esse marcador tem uma chave de segurança, podendo ficar visível para o perfil, para os amigos, amigos de amigos ou para todos, não ficando público para qualquer usuário, reforçando o tabu ao se falar de sexualidade, como visto no marcador interessado em namoros.

g) fumo: filtro não há resposta, não, socialmente, de vez em quando, regularmente, excessivamente, tentando parar, ex-fumante.

Podemos analisar como o saber sobre os fumantes se faz importante, visto tantas campanhas anti-fumo no Brasil ou mesmo em vários outros países. Podemos avaliar esse marcador como algo que tanto estigmatiza o usuário como permite o controle e levantamento dos fumantes, informação interessante para as indústrias de cigarro.

- h) bebo: filtro não há resposta, socialmente, de vez em quando, regularmente, excessivamente;
- i) animais de estimação: filtro não há resposta, adoro meu(s) animal(s) de estimação, prefiro que fiquem no zoológico, gosto de animais de estimação, não gosto de animais de estimação;
- j) moro: filtro com a possibilidade de escolher mais de uma característica, como só, com companheiro(a), com filho(s), amigos visitam com frequência, com outra(s) pessoa(s), com animal(s) de estimação, com meus pais, baladeiro de plantão.

É também possível falar de si “livremente”, sem as marcações já dadas do filtro em: cidade natal, página da web, quem sou eu, paixões, esportes, atividades, livros, música programas de TV, filmes e preferências gastronômicas. Nesses marcadores abertos podemos encontrar o poder estratégico operando de modo a deixar o sujeito falar sobre suas preferências, o que passa a ser utilizado como dados estatísticos para se detectar tendências e se expandir as categorias identitárias.

No perfil contato é possível deixar visível um endereço secundário, cidade, Estado, CEP e país. As outras opções para o usuário poder ser encontrado conta com o filtro de segurança, permitindo ser visto pelo próprio perfil, amigos, amigos de amigos ou todos e são: e-mail principal, e-mails secundários, nome de usuário IM 1 ou secundário, telefone residencial, telefone celular e endereço 1.

Ao usuário é possível falar da sua vida profissional como marcador de identidade no perfil profissional com as seguintes opções:

- a) escolaridade: filtro não há resposta, ensino fundamental, ensino médio, superior incompleto, título de tecnólogo, diploma de bacharel, título de mestre, Ph.D., Pós-Doutorado;
- b) escola (ensino médio).

Neste marcador é possível notar que, se o usuário escolheu em escolaridade ensino fundamental, neste só é possível colocar o nome da escola a partir do ensino

médio, ou seja, um mecanismo de exclusão de sujeitos com pouco estudo e uma forma de estigmatização;

c) curso: é possível registrar mais de um curso caso tenha cursado mais de uma faculdade;

d) diploma: filtro com várias opções de diplomas como B, BA, BAR, BAS, BS, CRT, DDS, DMA, DMD, DOM, DVM, EDD, EDM, EDS, ENG, IA, JD, JM, JSP, JSM, LLB, LLM, MA, MAR, MAT, MBA, MD, MEA, MFA, MLA, MLS, MPH, MS, MSD, MSM, MSW, PHD, RN, demonstrando que é um empreendimento global e como indicador de profissionalização;

e) ano: filtro de 1981 até 2016. Pela data inicial é possível pensar que o Orkut se destina a usuários mais jovens;

f) setor: filtro agricultura, artes, construção, bens de consumo, serviços corporativos, educação, finanças, governo, alta tecnologia, jurídico, manufatura, mídia, cuidados médicos e de saúde, sem fins lucrativos, recreação, turismo e entretenimento, científico, prestação de serviços, transportes, não há resposta;

g) sub-setor: filtro específico para cada setor escolhido.

Nota-se que há também um esquadramento profissional do usuário em que é possível saber quais profissionais utilizam mais o Orkut e, conseqüentemente, saber a que classe pertencem, o que podem consumir, o poder de consumo, etc. Além de operar também como um currículo de apresentação. Trata-se da construção de uma imagem para ser vendida/comercializada.

No perfil pessoal também há filtros que já predeterminam o que dizer de si e, com isso, poder ser enquadrado em determinadas classificações, como:

a) cor dos olhos: filtro não há resposta, pretos, azuis, castanhos, acinzentados, verdes, mel;

b) cor do cabelo: filtro castanho avermelhado, preto, loiro, castanho claro, castanho escuro, ruivo, grisalho, careca, muda com freqüência, outro;

c) tipo físico: filtro não há resposta, magro(a), atlético(a), médio, um pouco acima do peso, gordo(a);

d) arte no corpo: abre um filtro em que é possível escolher mais de uma opção como tatuagem em lugar estratégico, piercing na orelha, piercing em outras partes, tatuagem visível, piercing na língua, piercing no umbigo.

É possível, por meio dessa informação, incluir um certo público ou mesmo estigmatizá-lo, dependendo do grupo a que pertence ou mesmo como esse perfil seria procurado no Orkut por outros: com arte no corpo ou sem arte no corpo.

- e) aparência filtro: não há resposta, tipo miss/mister universo, muito atraente, atraente, médio, muito feio(a);
- f) o que mais gosto em mim: filtro não há resposta, olhos, cabelos, boca, pescoço, braços, mãos, busto/tórax, umbigo, bumbum, pernas, panturrilhas, pés, não consta na lista;
- g) o que me atrai: abre um filtro em que é possível escolher mais de uma opção como convicção, luz de velas, material erótico, inteligência, demonstrações públicas de afeto, sarcasmo, tatuagens, tempestades, piercing(s), dançar, flertar, cabelos compridos, poder, nadar nu, aventura, riqueza material.

Há ainda a possibilidade de se descrever com *uma frase no perfil, o que chama atenção em mim, altura, o que não suporto, o primeiro encontro ideal, com os relacionamentos anteriores aprendi, cinco coisas sem as quais não consigo viver, no meu quarto você encontra e par perfeito*. No perfil pessoal não há a chave de segurança limitando o acesso a nenhuma dessas informações.

Em compensação, rastreando as informações dos perfis podemos notar que a chave de segurança está presente nos seguintes marcadores: *faculdade, empresa/organização, site da empresa, e-mail do trabalho, telefone do trabalho* – que, como descrevem os termos de uso não é aconselhável fornecer informações privadas e confidenciais -, *orientação sexual, data de nascimento e ano de nascimento* – aqui percebemos dois discursos tabus de sexo e de envelhecimento presentes na sociedade. É possível falar de sexo, se descrever como heterossexual, bissexual, gay e até curioso, mas não se fala abertamente sobre isso; do mesmo modo, a busca pela juventude, o medo de envelhecer e a idade real são discursos que incomodam, e, por isso, é possível deixar visível o ano e a data de nascimento apenas para o próprio perfil, amigos, amigos de amigos ou para todos.

É possível entender que pelos marcadores identitários do Orkut há um funcionamento social. Sendo assim, reagrupamos os traços de identidades que também operam como formas de subjetivação:

- Identidade civil: nome, sobrenome, sexo, data de nascimento, ano de nascimento, cidade, Estado, CEP, país, filhos, etnia, moro, cidade natal, relacionamento, escolaridade, profissão;
- Identidade cultural e social: religião, visão política, orientação sexual, idiomas que falo;
- Corporeidade/identidade física: altura, cor dos olhos, cor do cabelo, tipo físico, aparência, arte no corpo (estigma);
- Filiações Institucionais: escola (ensino médio), faculdade, empresa/organização;
- Hábitos de Consumo: animais de estimação, esportes, livros, música, programas de TV, filmes, preferências gastronômicas, atividades, fumo e bebo (estigmas);
- Desejos: interessado em, paixões, o que me atrai (convicção, luz de velas, material erótico, inteligência, demonstrações públicas de afeto, sarcasmo, tatuagens, tempestades, piercing(s), dançar, flertar, cabelos compridos, poder, nadar nu, aventura, riqueza material), primeiro encontro ideal, par perfeito;
- Auto-definição: quem sou eu, humor, frase do perfil, o que mais chama a atenção em mim, o que mais gosto em mim, o que não suporto, com os relacionamentos anteriores aprendi, cinco coisas sem as quais não consigo viver, no meu quarto você encontra, habilidades profissionais.

Considerações Finais

Para finalizar, percebemos que o poder disciplinar opera na manutenção da identidade do perfil, selecionando categorias, classificando em comunidades, registrando todas as informações que o sujeito puder dar: “a disciplina [...] individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações” (FOUCAULT, 1975, p. 125). Assim, funciona a rede de amigos do Orkut, cada um com seu perfil circulando, adicionando e esperando ser aceito por outros perfis.

Esse mecanismo funciona, pois a engrenagem é alimentada pelo poder estratégico, que incita a visibilidade, a audiência e a circulação. Se, com relação ao sexo no Ocidente as regras foram “a lei da aliança e a ordem dos desejos” (FOUCAULT,

1988, p. 47), no Orkut pode ser encarado da mesma forma, uma aliança¹, um elo cada vez mais estendido entre os perfis, incitando a circulação e o desejo de saber de si e dos outros. O poder-saber, a produção de uma certa verdade no Orkut se dá pela confissão, em que os indivíduos se colocam a falar sobre si: “a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizadas para produzir a verdade (FOUCAULT, 1988, p. 67).

O Orkut funciona agregando o maior número de perfis a um outro único perfil pelo mote da amizade, ou seja, os usuários adicionam amigos. A amizade seria o fio condutor do poder estratégico para fazer funcionar a circulação. Pensando desta maneira, entendemos que seria um meio de sedução: os usuários com uma vida cada vez mais de solidão encontram nos movimentos de “aproximar-se e afastar-se [...] simultaneamente o impulso de liberdade e a ânsia por pertencimento” (BAUMAN, 2004, p. 51). Assim, na exclusão, na solidão, na falta de compromissos da vida o usuário encontra nas redes sociais uma maneira de tecer sua própria rede, circular por ela da maneira que lhe convier, sem precisar ter vínculos estreitos ou estar sempre presente: a amizade é ressignificada. A audiência seria então uma coleção de perfis sem a necessidade de se tecer vínculos e o perfil seria uma espécie de “espetacularização do eu” (SIBILIA, 2008) em que não há mais a necessidade de se espelhar em figuras das mídias tradicionais, tidas como sociedades do espetáculo, mas sendo possível ao usuário fazer do perfil o espetáculo de si mesmo. “Ser o que deseja e deixar de ser quando quiser” (RECUERO, 2007, p.10).

Pensando nos vários marcadores identitários, no modo excessivo e detalhado como são apresentados, podemos encará-los como vários perfis de consumidores, uma vez que o próprio Orkut organiza perfis para serem negociados, como pode ser visto/lido acessando no próprio Orkut as políticas de publicidade. Para Hall, essas seriam “identidades partilhadas – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastantes distantes umas das outras no espaço e no tempo (HALL, 2006, p. 74). Esse pode ser um mecanismo de publicidade nos tempos de Web

¹ Podemos entender o dispositivo de aliança sendo relações superficiais, canais de passagens, de ligações entre uns e outros com pouca interação. Tanto os amigos como as comunidades se constituem para produzir uma dada imagem de si e não necessariamente para a interação.

2.0, em que há a fragmentação dos horários publicitários nas mídias convencionais e as redes sociais integrariam um dispositivo para elencar, seduzir e produzir públicos, consumidores e desejos. Assim, o usuário se coloca a falar de si visando o outro e gerando uma certa visibilidade e audiência e esse mesmo usuário se coloca para o Orkut como um tipo de consumidor, como um meio de segmentar tendências e apreender saberes.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FERNANDES, Fabiana Parpinelli Gonçalves. *ORKUT*: um arquivo digital. In: **Revista de Letras**. V.10, ano 2008. Franca/SP. ISSN 0104-9992. Disponível em: <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/10_Fabiana%20MariaRegina.htm>. Acesso em 11 abr. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** (1970). Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/2520353/Michel-Foucault-A-Ordem-do-Discurso>>. Acesso em 20 dez. 2010.

_____. **Vigiar e Punir**. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

_____. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Rabinow. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Tradução Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **Microfísica do Poder**. 14.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Stigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Trad.: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GREGOLIN, M. R. F. V. Identidade: objeto ainda não identificado? In: **Estudos da Língua(gem)** (Impresso), v. 04, p. 23-36, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

POSSENTI, Sírio. Dez observações sobre a questão do sujeito. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 27-35, 2003. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0303/4%20art%202%20P.pdf>>. Acesso em 04 jul. 2011.

RECUERO, Raquel da Cunha. Redes sociais na Internet: Considerações iniciais. 2004. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/intercom2004final.pdf>>. Acesso em 08 set. 2010.

RECUERO, Rebeca da Cunha. O Orkut como formador de novas identidades no Ciberespaço. *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0796-1.pdf>>. Acesso em 28 out. 2010.

SIBILIA, Maria Paula. **O Show do eu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Artigo recebido em: 01.03.2012

Artigo aprovado em: 07.06.2012